

MERGULHO
NO SER

SORAYA CAVALCANTI

MERGULHO NO SER

MEDO E AUTOCONHECIMENTO
A PARTIR DA VIDA DO PROFETA JONAS



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2000 by Soraya Raposo Cavalcanti

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

1ª Edição:
Outubro de 2000

2ª Edição:
Maio de 2001

Revisão:
Bernadete Ribeiro
Délnia M. C. Bastos

Capa:
Editora Ultimato
(Pintura de Mônica Bonilha Moraes)

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

C376m
2000
Cavalcanti, Soraya Raposo, 1965-
Mergulho no ser; medo e autoconhecimento a partir da
vida do profeta Jonas /Soraya Raposo Cavalcanti. —
Viçosa : Ultimato, 2000.
96p.
ISBN 85-86539-37-6

1. Jonas, Profeta - Crítica e interpretação. 2. Profetas -
Crítica e interpretação. I. Título.

CDD. 19.ed. 224.9206

CDD. 20.ed. 224.9206

2003

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 3891-3149 - Fax: (31) 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br

www.ultimato.com.br

A *Luciene Rocha de Miranda*,
terapeuta brilhante, presenteada pelo Pai com o precioso
dom de acender luzes, dar sinais e devolver esperanças.

A *todos* que,
tendo um dia se desviado de seu destino, encontram-se
na escuridade do oceano da vida e desejam calar a voz
que lhes diz “de onde vêm?” e saber “para onde vão”.

MEU AGRADECIMENTO...

Nunca realizamos um trabalho sozinhos. Por isso, sou grata a todas as pessoas que compartilharam comigo suas experiências de “fundo do oceano” e suas aventuras em busca de si mesmas, dando-me condições de refletir e escrever sobre este tema.

À Sônia Regina Barreto, amiga tão chegada quanto um irmão, a quem escolhi para escrever o capítulo sobre intimidade. Quem a conhece bem sabe que é impossível passar por sua vida e não sentir-se inspirado a estar mais perto daquele que é e a faz ser esta mulher valente, delicada e apaixonada pelo mais incrível projeto de Deus — o ser humano.

À Primeira Igreja Batista de São Gonçalo, por sua visão terapêutica, na pessoa admirável do querido pastor, amigo e conselheiro Mauro Israel Moreira.

Ao pastor e professor Henrique Alves, pelas tardes de segunda-feira — para lá de nobres — , em que eu era ávida aprendiz de sua sapiência indescritível.

Ao amigo, poeta e músico Cassio Fernando, por suas “notas” sensíveis e precisas neste trabalho.

Às professoras Raquel Bittencourt Cavalcanti e Talita da Costa Lessa, pelas importantes sugestões na correção do texto.

Ao amigo José Luiz Corrêa da Silva, pelo constante e dedicado apoio.

Aos professores Jhonny Alves e Elisabeth Andrade Costa, das Faculdades Integradas Maria Thereza, que tiveram a incrível paciência de ler os rascunhos e opinar carinhosamente, num período de “olho do furacão” — final de semestre letivo.

A Valdir Steuernagel, Osmar Ludovico, Ricardo Barbosa e Ricardo Gondim, nossos coordenadores no Projeto Grão de Mostarda, que têm nos desafiado a amarmos irremediavelmente mais às pessoas do que às “aboboreiras”.

E, finalmente, àqueles que integram a parte mais valiosa do meu patrimônio pessoal: meus irmãos, Rogério, Gustavo, Walério, Adriano e Gláucia, e meus pais, Bey, que já partiu para o encontro com Aquele que é e o fez ser um paizão, e Eunice, que vive pela graça daquele que é e a faz ser uma mulher que nos desafia a sermos maiores do que as provas da vida.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	13
1. O LIVRO DE JONAS	19
2. UM HOMEM QUE AMAVA MAIS AS COISAS DO QUE AS PESSOAS	27
3. MEDO DE CONHECER A SI MESMO	31
4. UMA FÁBULA, ALGUMAS REFLEXÕES	39
5. MEDO DE CUMPRIR A MISSÃO	45
6. MEDO DE AMAR E DE PERDOAR O QUE PARECE IMPERDOÁVEL	51
7. MEDO DE INTIMIDADE	57
8. MERGULHO NO SER	63
9. ROMPER PARA TORNAR-SE UM SER AUTÊNTICO	73
APÊNDICE	
FRAGMENTOS DE HISTÓRIAS	87

PREFÁCIO

Uma feliz combinação — um texto de uma autora nova e uma tradicional casa editora — possibilitou-nos a profunda e agradável surpresa deste livro admirável. Tenho o privilégio de conhecer tanto a Soraya como a *Ultimato* e tenho acompanhado suas trajetórias nestes últimos anos, com gratidão e admiração. A Soraya, por sua sensibilidade e coragem, e a *Ultimato*, por sua coerência e perseverança. Sinto-me feliz em escrever este prefácio.

A fé cristã é baseada em uma história documentada, com verdades definidas que se contrapõem aos mitos pagãos e às religiões de mistério. Por isso somos, muitas vezes, tentados ao racionalismo, ao academicismo e, mais recentemente, a um pragmatismo de resultados.

No entanto, *Mergulho no Ser* faz o caminho que sempre busquei e prezei, resgatando a intuição e a imaginação na leitura bíblica, permitindo que o poder das palavras do texto sagrado ressoe com toda força para dentro da nossa experiência humana, tocando em profundidade os conteúdos existenciais e emocionais de nossa vida.

Não é fácil. Temos a tendência de preferir permanecer na superfície ou buscar pessoas que nos ajudem com soluções mágicas, ou permanecer anestesiados e distraídos no ativismo. Este livro, no entanto, nos convida ao caminho inverso — um mergulho no ser a fim de olhar amorosamente para nossos medos e experimentar, tal qual Jonas, a doce e terna mão de Deus nos conduzindo para uma experiência de cura e restauração.

Soraya nos propõe, a partir do livro de Jonas, uma renovada maneira de ler a Bíblia, baseada na tradição da *Lectio Divina*. Um livro para se ler na perspectiva desta tradição espiritual, ou seja, mais com o coração do que com a mente. Ler a partir de uma atitude quieta e recolhida, vagarosamente, até que uma frase ou uma idéia nos toque. Daí parar e ouvir a voz do Espírito por meio de nossos pensamentos e imaginação, e permitir que Ele nos conduza a uma experiência de oração do coração, de *de-cisão* e de ação transformadora.

Boa leitura, bom mergulho no ser!

Osmar Ludovico da Silva
Curitiba, outubro de 2000.

INTRODUÇÃO

Estamos em um novo mundo. Um mundo que derrubou as fronteiras entre a cultura e a tecnologia, e que fez surgir a manipulação genética. O presente é reverenciado e cultuado por seus avanços. O passado se degenerou, já não nos serve mais, e o futuro é encarado como uma fonte potencial de perda e incerteza — queremos tudo imediatamente. Vivemos submetidos ao imperativo da urgência do possuir e do realizar.

As leis da globalização afirmam que já não precisamos das nossas referências íntimas, nem tampouco das da cultura local. Já não pertencemos a nada, nem a ninguém. Somos, no pior sentido, transitórios. O indivíduo apenas fica — com alguém com alguma idéia em algum partido em alguma igreja em algum lugar. Não precisa de ideologias nem metas, é apenas físico. O ser pós-moderno é intangível. Ao que tudo indica, ainda não atingiu em aspectos vitais a modernidade e, pretensamente, já se considera pós-moderno.¹

Neste novo milênio, os ideais de transformar o mundo e de tranformar-se individualmente estão meio intrincados. Para

muitas gerações, viver significou entregar-se a um projeto de construção e transformação, de busca de um mundo melhor e de uma vida pessoal mais significativa. Hoje, esta idéia vem sendo sutilmente substituída pela ideologia do bem-estar — a tirania do gozo, a ditadura da felicidade. A palavra de ordem do momento é *otimização*. As perguntas “De onde vim?”, “Por que estou aqui?”, “Qual o sentido para a vida?” vêm sendo substituídas por: “Como otimizar o gozo de minha existência pessoal?”

Estamos no apogeu do hedonismo, no auge da descartabilidade — dos relacionamentos à religião. O evangelho tem adquirido contornos terrivelmente humanísticos.² Basta observarmos a natureza de nossos testemunhos, que geralmente expressam o que Deus faz por nós, e não em nós.

Vivemos para alcançar aquilo que desejamos. A felicidade está num carro, num par de tênis, pelo que chega-se a matar. Mata-se, é claro, não pelo carro ou pelo tênis, mas pelo bem simbólico de uma cultura, que se tenta desesperadamente alcançar. Corremos atrás de um nivelamento ditado pela globalização dos costumes, dos sentimentos, das crenças, das experiências sobrenaturais, da hegemonia da branquidade³, do padrão anorético⁴ de beleza física.

Estamos perplexos diante da inevitabilidade deste tempo — tempo de tudo. Tempo de *disneyzação*⁵ da cultura infantil. Tempo de relativização das leis absolutas. Tempo de desconstrução de conceitos. Tempo de pluralização, de privatização e de secularização. Tempo de discursos — ora opressores, ora infantilizantes. Tempo de maquiagem de mentiras com cores da verdade. Tempo de banalização do sagrado. Tempo de embriaguez religiosa⁶ e overdoses sensoriais. Busca neurótica do poder de Deus. Tempo de economia de afeto. Tempo de paixões cibernéticas e relações virtuais. Tempo de viver *on line* — afinal quem suporta a realidade *off line*? Tempo de Química da Felicidade⁷: de cloridrato de fluoxetina, de recaptação da serotonina. Tempo de Prozac, Cipranil e Celexa. Tempo de bem-estar químico. Tempo de tudo. Tempo estranho...

Na pós-modernidade, percebe-se uma crise paradigmática. Vivemos crises sem precedentes — social, familiar, moral, ética, educacional. Já não sabemos o que é certo ou errado, normal ou patológico. A crise se evidencia principalmente na perda dos valores individuais e familiares e na falta de rumo da educação, que se deixou corromper pela ideologia capitalista. A educação está nas mãos de indivíduos cuja mentalidade rodopia e cai na lógica pós-moderna do “Como vamos fazer?” Uma mentalidade frágil demais para enfrentar os desafios deste tempo. A pergunta deveria ser: “Quem devo ser?”

Ainda na dimensão educacional, há que se perguntar: qual a escola e o currículo viáveis para este tempo? Sim, pois para o homem-mercado o que importa não é o caráter, mas a garra, a competência técnica, a agressividade profissional. A exigência do caráter diluiu-se na necessidade do bem-estar. Sua prioridade é a felicidade. Para o homem-mercado, quanto vale ou para que serve o conhecimento existencial? Quanto vale o preparar-se para a vida? Quanto vale o caráter, a verdade? Quanto valem as metáforas e as metonímias? Quanto vale a dor, a hiperestesia do poeta? Quanto vale o segredo de uma rima que casa amor com dor? Quanto vale o ensino, um par de tênis, um adolescente dividido entre o “quero”, o “posso” e o “mas não devo”? Quanto vale uma vida?

Nosso tempo é de profundas instabilidades. Tempo de tristeza coletiva, disfarçada em euforias superficiais. No campo profissional, carteira assinada é coisa do passado. Hoje, os contratos são temporais. Tudo dura muito pouco. O alto índice de depressão denuncia o momento dramático do ser humano. A supervalorização do objeto em detrimento do sujeito acelerou o crescimento das clínicas especializadas em tratamento depressivo.

No âmbito evangélico, percebemos que os modelos de espiritualidade e de liderança ou são superficiais ou, se têm profundidade, nem por isso têm dado certo. E a ansiedade de construir um novo modelo tem nos levado à insegurança. Mas temos de compreender que toda mudança de paradigmas

requer estabelecimento de parâmetros. E quais serão os parâmetros de referência para nosso modelo de espiritualidade e de liderança cristã? Que seja a própria necessidade de relacionamento existente na estrutura humana. Temos de optar entre dois paradigmas: o que aponta para o modelo de mercado — neoliberal e globalizado — ou o que aponta para o exemplo de Jesus — da aproximação, dos olhos nos olhos, da amizade desinteressada, de relacionamentos significativos, de uma percepção mais real do mundo, de nós mesmos e da nossa vocação.

Estas questões, entre tantas mais, nos motivaram a escrever sobre o profeta Jonas. O livro de Jonas desperta nosso imaginário, pois a sua história é uma oportunidade de nos interrogarmos sobre nossa missão, nossa vocação. Sobre o que cada um de nós tem de particular e único. Leva-nos a interrogarmos o que temos de fazer nesta vida, que ninguém pode fazer em nosso lugar.

É uma oportunidade de auto-exame. É uma oportunidade de nos interrogarmos sobre aqueles medos que assombam a nossa alma — medo de nos conhecer, de nos entregar e sermos íntimos, de amar e nos decepcionar, da partida e da saudade que fica latejando dentro do peito, de ser brutalmente ferido, de ter de perdoar o que parece imperdoável.

Cada um de nós tem uma maneira única e insubstituível de encarar a vida, de usar a inteligência, a vocação e de amar. Trata-se, então, de nos interrogarmos sobre o nosso modo único de ser. Isto não é tão simples porque, às vezes, assumimos como nosso desejo aquilo que, na realidade, é o desejo de nossos pais ou da sociedade, que nos influenciam de diversas formas.

Este livro aborda a vida do profeta Jonas e nos convida a escutar em nós mesmos um desejo mais profundo do que todos estes desejos que foram projetados em nós. Se não fizermos isso, teremos problemas não somente com nós mesmos, mas com o outro. A negação da missão principal de Jonas provoca tempestades, turbilhões, vazios existenciais quase intransponíveis.

Por isso, gostaria de convidá-lo a algumas simples, porém significativas reflexões sobre a necessidade do auto-conhecimento.

Onde você estiver agora, procure aquietar-se, desacelerar as batidas do seu coração... Acomode-se. Silencie seus barulhos interiores... Pare um instante. Ouça o que talvez você mesmo tenha a se dizer já há algum tempo.

Ler a história de Jonas é fazer uma incursão no mais profundo dos oceanos — nosso próprio ser. Você terá a bela oportunidade de descobrir que a história de Jonas não fala somente à nossa razão, ao mundo das explicações lógicas e cartesianas, mas principalmente ao nosso coração, aos nossos sentidos, por meio de imagens e símbolos.

Jonas é, pois, um livro que nos faz pensar e sonhar. Pensar e, talvez, até mesmo chorar pelo que somos, e então, sonhar com o que poderemos vir a ser.

NOTAS

- ¹ Sugiro a leitura de: 1) GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. Trad. Antivam Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997. 2) ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Jorge Zahar Editor. 3) HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ² Para um aprofundamento desta questão, sugiro a leitura de: GONDIM, Ricardo. *Os perigos e os desafios da igreja na pós-modernidade*. São Paulo: Abba Press, 1995.
- ³ Este termo é uma tradução da palavra *whiteness* e encontra-se no artigo do professor Michael W. Apple. In: COSTA, Mariza Vorraber. org. *Escola básica na virada do século; cultura, política e currículo*. São Paulo: Cortez, 1996.
- ⁴ Padrão de beleza que exige da mulher a magreza de uma manequim e que pode levá-la à anorexia, doença grave caracterizada por perda de apetite e, conseqüentemente, de peso.
- ⁵ MOREIRA, Antonio F. *Territórios conquistados e reflexões de viagens*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ⁶ HOUSTON, James. *A fome da alma*. São Paulo: Abba Press, 2000.
- ⁷ Artigo publicado no jornal *O Globo* de 25/06/2000, em que os médicos alertam para os riscos das drogas que produzem bem-estar químico.